

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade em Diferentes Setores

**RESÍDUOS SÓLIDOS: AS CONSEQUÊNCIAS DO USO E DESCARTE INDEVIDO
DE SACOLAS PLÁSTICAS**

**SOLID WASTE: THE CONSEQUENCES OF IMPROPER USE AND DISPOSAL OF
PLASTIC BAGS**

Lucinéia Lourenzi

RESUMO

Este artigo cujo título é Resíduos Sólidos: as consequências do uso e descarte indevido de sacolas plásticas têm por objetivo verificar como ocorre a utilização das sacolas plásticas fornecidas pelos supermercados locais no município de Santa Maria, bem como levantar problemas socioambientais relacionados ao uso e descarte inadequado de sacolas plásticas; investigar a funcionalidade das campanhas a respeito do uso das sacolas plásticas nos Supermercado Nacional (Bairro Centro) e Rede Vivo (Bairro Dores); e avaliar o número médio de sacolas plásticas utilizadas em cada compra levantando as prováveis soluções para esta problemática ambiental. Neste sentido realizou-se entrevistas com os consumidores de ambos os estabelecimentos onde percebemos que para tentar diminuir o uso das sacolas plásticas precisa-se iniciar por uma mudança da consciência individual, posteriormente da consciência coletiva, então se passa a oferecer novas alternativas, como é o caso da sacola retornável.

Palavras-chave: Sacolas plásticas, descarte indevido e resíduos sólidos.

ABSTRACT

This article whose title is Solid Waste: consequences the use and improper disposal of plastic bags are designed to check how is the use of plastic bags provided by local grocery stores in Santa Maria, as well as to raise social and environmental problems related to the use and improper disposal plastic bags; investigate the functionality of the campaigns on the use of plastic bags in the Supermercado Nacional (Neighborhood Center), and Rede Vivo (Neighborhood pains) and to evaluate the average number of plastic bags used on every purchase by raising the likely solutions to this problem environment. In this sense held interviews with consumers of both establishments where we realized that to try and reduce the use of plastic bags must be initiated by a change in individual consciousness, then the collective consciousness, then goes on to offer new alternatives, such as the case of returnable tote bag.

Keywords: Plastic bags, improper disposal and solid waste.

Introdução

O homem utiliza dos recursos da natureza desde os primórdios da História da Humanidade, transformando elementos naturais em produtos industrializados. Através de campanhas de marketing realizadas pela mídia da grande massa populacional têm-se acelerado significativamente o consumismo desenfreado. Neste sentido o aumento do consumismo tem provocado um acúmulo desordenado de lixo, ocasionando a degradação ambiental, problemas sociais, de saúde pública, desastres naturais, entre outros.

Introduzidos nos anos 70, os sacos de plástico rapidamente se tornaram muito populares, em especial através da sua distribuição gratuita nos supermercados e lojas. Esse hábito já foi incorporado na rotina do consumidor, como se o destino de cada produto comprado fosse mesmo um saco plástico. O plástico vem tomando conta do planeta desde 1862, quando foi inventado pelo inglês Alexander Parkes, reduzindo os custos comerciais e alimentando os impulsos consumistas da civilização moderna. Mas os estragos causados pelo derrame indiscriminado de plásticos na natureza tornaram o consumidor um colaborador passivo de um desastre ambiental de grandes proporções (FERNANDES, 2011).

No caso específico das sacolas de supermercado, a matéria-prima é o plástico filme, produzido a partir de uma resina chamada polietileno de baixa densidade (pebd). No Brasil, são produzidas 210 mil toneladas anuais de plástico filme, o que já representa 9,7% de todo o lixo do país. Abandonados em aterros, esses sacos plásticos impedem a passagem da água retardando a decomposição dos materiais biodegradáveis e dificultando a compactação dos detritos (AGENDA AMBIENTAL, 2011).

As vantagens do plástico comum (durabilidade, resistência à umidade e aos produtos químicos) são as mesmas que lhe conferem um aspecto negativo grave: impedem sua decomposição (DEGRADAVEL, 2011). Sendo um material que existe há apenas um século, ainda não determinou precisamente quanto tempo demora esse processo, mas sabe-se que é superior a 100 anos. Calcula-se que cerca de 90% das sacolas plásticas acabam em lixeiras, ou como lixo. Este número pode parecer assustador, mas na verdade estes objetos ocupam apenas cerca de 0,3% do volume acumulado nas lixeiras. As ‘sacolinhas’ não são formas de transporte inofensivas para o ambiente por dois motivos básicos: o elevado número produzido por ano (cerca de 150 per capita) e a natureza não biodegradável do plástico com que são produzidos. Além disso, a manufatura do polietileno faz-se a partir de combustíveis fósseis e acarreta a emissão de gases poluentes.

Qualquer tipo plástico é obtido a partir do petróleo, em refinarias especializadas purifica-se o petróleo até convertê-lo em etileno, que posteriormente é polimerizado e solidificado até criar o polietileno (polímero de etileno). O polietileno é cortado em pequenos grãos, utilizados pela indústria de transformação na fabricação de sacolas, cabos, fios, utensílios domésticos, etc. Existem dois grupos de polietileno que são mais utilizados na fabricação de sacolas plásticas, os de alta e o de baixa densidade (HDPE e LDPE respectivamente), assim como o de densidade linear. Nesses grupos existem muitas variações que permitem ressaltar aspectos desejados nas sacolas plásticas (maior ou menor brilho, resistência, tato, facilidade de abertura, etc.).

A Irlanda foi a primeira nação da Europa a tomar decisões no tocante à produção e uso descontrolados de sacolas plásticas ao criar, em 2002, o Plastax um imposto que cobra 0,15 € ao consumidor por cada sacola distribuída, resultando na arrecadação de cerca de 23 milhões de euros, para serem investidos em projetos ambientais, além de reduzir o consumo de 90%. O Reino Unido está em vias de adotar medidas semelhantes. Na Alemanha, as sacolas plásticas são pagas pelo consumidor nos supermercados e cultiva-se o hábito de utilizar sacos de pano reutilizáveis ou caixas de papelão no transporte de itens. Na África do Sul, foi

introduzida, recentemente, uma lei que coloca na ilegalidade o uso de sacos com menos de 30 micrometros de espessura, a fim de torná-los mais caros e fomentar a reutilização.

Na contramão da poluição inconseqüente das sacolas comuns, somente ano passado, cerca de 1.200 toneladas de embalagens plásticas com conceito de rápida degradação foram produzidas no Brasil, a partir de materiais e tecnologias desenvolvidos por uma empresa paulistana, que fornece aditivos às indústrias de plásticos, tais que, integrados ao processo de fabricação, deixam o produto final naturalmente degradável. Desse modo agrega esse benefício a todos os outros do plástico tradicional, inclusive a possibilidade de reutilização e reciclagem. O aditivo utilizado para obter essa característica leva ao rompimento das longas cadeias poliméricas das quais são compostos os tipos de plásticos, de tal modo que sobrem cadeias suficientemente pequenas para serem degradadas pelos microorganismos presentes no meio ambiente. Os fabricantes destes materiais têm em seu portfólio mais de 150 clientes no Brasil, entre supermercados, lojas, confecções, redes de farmácias e shopping centers, além de condomínios residenciais e comerciais, restaurantes, hotéis e indústrias que utilizam sacos plásticos para lixo com o conceito biodegradável.

Quanto aos objetivos, esse trabalho buscou verificar como ocorre a utilização das sacolas plásticas fornecidas pelos supermercados locais no município de Santa Maria, bem como levantar problemas socioambientais relacionados ao uso e descarte inadequado de sacolas plásticas; investigar a funcionalidade das campanhas a respeito do uso das sacolas plásticas nos Supermercado Nacional (Bairro Centro) e Rede Vivo (Bairro Dores); e avaliar o número médio de sacolas plásticas utilizadas em cada compra levantando as prováveis soluções para esta problemática ambiental.

Metodologia Utilizada

Para a realização desta pesquisa foi elaborado uma entrevista objetiva e direta que foi aplicada aos consumidores dos referidos supermercados (Rede Vivo – Dores e Nacional-Centro), e também um questionário que foi entregue aos responsáveis pelo setor de marketing dos mesmos. A aplicação destes visou o levantamento de informações referentes ao uso e descarte inadequado de sacolas plásticas, além de possíveis soluções para essa temática. A entrevista foi composta por questões que identificam o padrão socioeconômico dos consumidores dos supermercados pesquisados; qual seu Bairro, Município ou Distrito de origem. Além disso, consta também a idade das pessoas, casais e filhos que costumam comprar em cada um dos supermercados escolhidos, estabelecendo assim uma média da faixa etária dos consumidores por estabelecimento; a entrevista contém uma questão quantificando o número aproximado de sacolas descartáveis que cada indivíduo ou família porta ao sair do supermercado; por último e não menos importante, estes foram indagados quanto a possíveis soluções para a problemática da utilização de sacolas plásticas descartáveis e o seu impacto sobre o meio ambiente.

Foram realizados dois trabalhos de campo durante o mês de maio de 2011. Ao total aplicou-se cem entrevistas em cada um dos referidos estabelecimentos comerciais, justificando-se pelo fato de o movimento nos dois supermercados ser elevado e para se obter uma amostra significativa dessa margem seria necessário um número maior de entrevistas, tornando-se inviável devido ao tempo reduzido estabelecido para a conclusão da pesquisa.

Durante as entrevistas houveram alguns comportamentos diferenciados, alguns se negaram a responder as perguntas propostas e outros nem se quer deram atenção ao serem abordados. Enquanto que outras pessoas se demonstraram receptivas e atenciosas, elogiando o trabalho e tornando-o mais agradável e significativo.

Inicialmente havia sido proposto que as entrevistas seriam realizadas nos Supermercados Rede Vivo-Dores e no Supermercado Big. No Supermercado Rede Vivo a

pesquisa foi muito bem recebida através da figura do gerente, que elogiou e forneceu informações essenciais para o bom andamento da mesma; porém no Supermercado Big houve uma série de impasses burocráticos que impediram a realização da mesma no dia 11 de junho de 2011. A responsável pelo RH (Recursos Humanos) do Big afirmou que para poder desenvolver o trabalho no local seria necessário anteriormente entrar em contato com a matriz em Porto Alegre-RS, a qual deveria dar seu aval para a execução da mesma. Por esse motivo decidiu-se trabalhar com um outro supermercado da rede Walmart, o Nacional do bairro Centro, que prontamente permitiu o acesso aos clientes do mesmo.

Após coletar os dados através das entrevistas e dos questionários procedeu-se para a construção dos gráficos no programa Microsoft Office Excel, utilizando-se de uma planilha onde foram contabilizados os dados e automaticamente gerados os gráficos. Posteriormente os gráficos foram utilizados para a análise e interpretação dos resultados, procurando aproximá-los o máximo possível da realidade.

Fundamentação Teórica

Da necessidade de viver em grupos e da dependência do homem em relação aos outros organismos vivos começam a surgir as primeiras sociedades, calcadas na relação homem x natureza. Não existe nenhum organismo individual que possa viver em isolamento, de forma que o homem precisou transformar uma natureza primária num local onde este pudesse estabelecer relações com outras pessoas. O funcionamento da sociedade humana é comparado ao funcionamento de um organismo biológico por Capra (2002, p. 103) ao afirmar que “A estrutura biológica de um organismo corresponde à infra-estrutura material da sociedade, que é, por sua vez, a corporificação da cultura da mesma sociedade”. Na sociedade, assim como nos organismos vivos, é preciso compreender que o todo é mais do que a soma de suas partes.

Esses aglomerados humanos passaram a sofrer profundas transformações com o passar dos tempos, caracterizando-se pelo uso da tecnologia em suas variadas formas ao longo da evolução da civilização humana: Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro, Era Industrial e Era da Informática. Porém, foi após a Revolução Industrial que a tecnologia deu um grande salto, também de onde surgiram os primeiros questionamentos a respeito de sua utilização benéfica para a vida e para a cultura humana. No século XX o significado de tecnologia se expandiu e passou a incluir não só as ferramentas e máquinas, mas também métodos e técnicas não materiais, isto é, a aplicação sistemática de qualquer uma delas.

O desenvolvimento tecnológico e a evolução dos meios de comunicação aliados a uma urbanização desordenada têm trazido à tona problemas sociais e ambientais cada vez mais graves e constantes no dia-a-dia da sociedade contemporânea. A exploração desordenada dos recursos naturais limitados, a geração cada vez maior de resíduos nocivos ao meio ambiente e a exclusão social são alguns dos problemas de uma sociedade individualista, consumista e, portanto, capitalista. Nas palavras de Chardin:

Uma primeira coisa que se dá a pensar, quando observamos os progressos, à nossa volta, da coletivização humana, é o que eu chamaria de caráter inelutável de um fenômeno que resulta imediatamente e automaticamente do encontro de dois fatores igualmente estruturais; de um lado, a superfície restrita da Terra; e, de outro lado, a multiplicação incessante; nessa extensão restrita, de unidades humanas dotadas (como consequência dos meios cada vez mais rápidos de comunicação) de um raio de ação rapidamente crescente, sem contar que são eminentemente capazes, devido a seu psiquismo elevado, de se influenciar e interpenetrar mutuamente. (2006, p. 33)

É num cenário de intensas crises sociais, políticas, ambientais e por que não dizer até mesmo crises de percepção, que se processa uma nova maneira de ver o mundo, uma nova maneira de tratar nossa “Mãe Terra”. Uma nova forma de lidar com problemas sistêmicos, que segundo Capra (1996, p. 23) não podem ser entendidos separadamente, estão interligados e são interdependentes. Ainda segundo o mesmo autor:

Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção. Ela deriva do fato de que a maioria de nós, e em especial nossas grandes instituições sociais, concordam com os conceitos de uma visão de mundo obsoleta, uma percepção da realidade inadequada para lidarmos com nosso mundo superpovoado e globalmente interligado. (1996, p. 23)

Para superar tal crise é necessária uma mudança de valores, de pensamento, ou seja, de paradigma, que pode ser definido como o conjunto de idéias, técnicas, que uma comunidade científica utiliza para definir problemas e soluções legítimos. O novo paradigma pode ser chamado de uma visão holística de mundo, que o concebe como um todo integrado e não pelas suas partes. Fundamentado numa percepção ecológica num sentido mais amplo, que reconheça a interdependência de todos os fenômenos e que o ser humano está encaixado nos processos cíclicos da natureza, este novo paradigma deixa de ser centralizado no homem (antropocêntrico) para centralizar-se na Terra (ecocêntricos).

Um dos grandes problemas da atualidade tem sido o crescimento exacerbado do consumismo, atingindo diretamente os recursos naturais, gerado pela obsolescência de produtos que dão apenas um “prazer, uma satisfação momentânea”. Esses produtos são lançados no mercado por uma mídia com grande influência sobre os consumidores, que se rendem aos seus apelos, e são embalados em embalagens cada vez mais coloridas, atraentes, robustas e volumosas. Além de posteriormente serem postos em sacolas descartáveis (em sua maioria) que o consumidor utiliza para transportar os produtos até sua casa e na maioria das vezes as joga no lixo.

A fim de investigar a questão da utilização de sacolas descartáveis em supermercados é preciso partir do pressuposto de que cada uma das etapas envolvidas no processo de consumo de tais sacolas só poderá ser compreendida mediante a análise do todo. O todo pode ser entendido como mais do que as etapas de formação da matéria-prima, utilizada na fabricação de sacolas descartáveis, até a inutilização de tal produto por parte dos consumidores, que o devolve na forma de um novo produto industrializado e prejudicial à natureza, envolvendo o contexto que faz com que este produto seja usado e descartado, ou seja, o modelo de consumo estabelecido na sociedade do livre mercado. Não só impactos ambientais, como também sociais, culturais e psicológicos são gerados pelo acúmulo de lixo na sociedade capitalista.

A sacola plástica descartável faz parte de um tipo de material conceituado pela grande maioria como lixo ou resíduo, porém devem-se analisar estes conceitos a fim de utilizar um suporte científico para esta pesquisa. Os conceitos de lixo e de resíduo são trazidos pela maioria dos autores como sinônimos, porém sabe-se que estes podem ser conceitualizados de forma diferenciada. A definição de lixo como material inservível e não aproveitável é, na atualidade, com o crescimento da indústria da reciclagem, considerada relativa, pois um resíduo poderá ser inútil para algumas pessoas e, ao mesmo tempo, considerado como aproveitável para outras. Nas palavras de Dias e Moraes Filho:

“Os ‘resíduos sólidos’ diferenciam-se do termo ‘lixo’ porque, enquanto este último se compõe de objetos que não possuem qualquer tipo de valor ou utilidade, porções de materiais sem significação econômica, sobras de processamentos industriais ou

domésticos a serem descartadas, enfim, qualquer coisa que se deseje jogar fora, o resíduo sólido possui valor econômico agregado por possibilitar o reaproveitamento no próprio processo produtivo” (2008, p. 13).

Figueiredo (1995, p. 21-22) afirma que após ser consumido, o produto irá se transformar, parcialmente ou na sua totalidade, em material descartável, sem nenhuma utilidade aparente ou valor comercial para o consumidor, sendo encaminhado, dessa forma, para a massa de resíduos ou “lixo” nos sistemas de processamento e destinação final. Ainda citando Figueiredo (1995, p. 53-54) pode-se classificar como “resíduo” as embalagens de produtos consumidos, perdendo a sua utilidade após o consumo do produto. Já no caso dos bens de consumo duráveis, estes só irão se transformar em resíduo pela sua obsolescência ou por não atender mais as funções para as quais foi projetado. O lixo é definido por Dashefsky como sendo:

Qualquer substância que não é mais necessária e que tem de ser descartada. Pode ser qualquer coisa, desde restos de comida até uma geladeira velha ou um automóvel. Em muitos aspectos o lixo é semelhante a uma praga ou uma erva daninha, já que todos os três podem ser considerados úteis se encontrados em outro lugar em outra hora. O lixo de uma pessoa pode ser o alimento de outra pessoa, assim como o que é erva daninha para um pode ser flor para outro. Uma vez que a maior parte do lixo vai hoje para um local de coleta municipal, ele é comumente chamado de resíduo sólido municipal. (2003, p. 175).

Percebe-se então que o referido autor também traz o conceito de lixo como sinônimo de resíduo. A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) na NBR (Normas Brasileiras) número 10004 conceitua lixo como sendo qualquer tipo de resíduo no estado sólido e semi-sólido, “que resultam de atividades da comunidade de origem: industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços, varrição e em casos especiais os lodos”. Porém sob o ponto de vista econômico, resíduo ou lixo é todo material que uma dada sociedade desperdiça. Resíduo é a palavra muitas vezes adotada para denominar sobra no processo produtivo, geralmente industrial, sendo usada também como equivalente a refugo ou rejeito.

Antes de chegar ao seu destino final, o lixo, na maior parte das cidades, não passa pela coleta seletiva, ou por qualquer outro processo, o que inviabiliza o emprego de técnicas mais avançadas no processo de sua decomposição (VILLALTA, 2003). Assim, o lixo demora muito para se decompor, trazendo diversos transtornos, como a visita de catadores a aterros sanitários para selecionar materiais potencialmente recicláveis, a diminuição da vida útil do aterro devido à quantidade de lixo depositada por dia, e com isso, gastos para implantar novos aterros. A reciclagem do lixo é solução para grande parte dos problemas ambientais, além de ser a fonte de renda de diversas famílias brasileiras, onde a “catação” assumiu condição de atividade econômica. Segundo, o IPT/CEMPRE, “a catação em lixão representa uma opção de vida para milhares de brasileiros” (apud VILLALTA, 2003, p. 8). O lixo, sendo uma atividade rentável, poderia ser mais bem aproveitado a partir do momento em que oferecer menos riscos à saúde do catador.

Breve Histórico da Geografia Humana

Com a finalidade de compreender o histórico das primeiras pesquisas centralizadas no homem, sem esquecer os meios físicos e naturais, e fundamentar este trabalho a partir da transformação imprimida pelo homem na natureza, elaborou-se um breve relato de algumas práticas que conduziram ao atual estágio das pesquisas elaboradas na área. Quaini afirma que:

... as ciências do homem sem dúvida se beneficiaram do desenvolvimento das ciências físicas e naturais – seria suficiente pensar na sociologia de Montesquieu – mas não por uma troca unilateral, na medida em que é evidente que na origem da história natural e do evolucionismo está o desenvolvimento da historiografia e das ciências sociais. Quem portanto admite, como Claval, que a moderna geografia humana assim como a geomorfologia são impensáveis fora do evolucionismo, deverá, portanto, com maior razão, admitir que as condições de nascimento de uma e de outra devem ser procuradas, antes de mais nada, na história das ciências históricas e sociais do séc. XVIII, iluministas, ou então na “revolução historiográfica” do Renascimento (1983, p. 70).

Em outras palavras, por mais que a história da Geografia Humana esteja calcada no evolucionismo, é preciso que seja levada em consideração a história das ciências históricas e sociais iluministas e renascentistas da humanidade a fim de manter um equilíbrio no pensamento geográfico. Ainda citando Quaini, podemos refletir sobre o pensamento de Helvetius, afirmando que ao entendermos os termos “espírito”, “educação” e “circunstâncias” como eram compreendidos no iluminismo, pode-se compreender o quanto sua filosofia antropológica ou cultural são importantes para a fundamentação da geografia humana:

A cultura, de acordo com Helvetius, é uma segunda natureza que, no caso da humanidade, vem substituir a realidade do ambiente material. A natureza humana revela-se plasmável; é dócil à educação que lhe permite desenvolver e alargar o raio da ação dos seus instintos elementares. A natureza externa é, ela também, transformada pelo progresso técnico e mudada pelas instituições jurídicas, econômicas e sociais. É por isso que, quando se trata da realidade humana, pode-se admitir que a instância biológica é de algum modo relegada a segundo plano. Ela fornece sem dúvida possibilidades primordiais, mas a aventura cultural iniciou-se com a reorganização destas possibilidades, em segunda leitura, em virtude deste direito de iniciativa que é o atributo maior da humanidade. A própria idéia de civilização, que é uma das idéias principais do séc. XVIII, pressupõe esta emancipação da ordem cultural, retomando por conta própria a ordem natural, para transformá-la e melhorá-la. A humanidade é filha de suas obras e deve assumir a responsabilidade de seu destino (1983, p. 87-88).

Conforme menciona Quaini (1983) no capítulo V de sua obra, através da análise que o mesmo faz de Rousseau e Marx sobre os fundamentos de uma Geografia Humana como “ciência subversiva”, para eles não há doutrina revolucionária do arranjo do espaço por que estão satisfeitos com aquele que foi efetuado. Marx não se revolta contra as paisagens industriais, mas contra as relações desiguais entre patrões e operários. Porém, contraditoriamente ao que pensava Marx e Rousseau, Botero e Vauban traziam para a Geografia Humana a matematização através da estatística juntamente com a análise geográfica.

Resultados

Os resultados foram analisados, por meio da utilização de gráficos que demonstram o percentual das respostas referentes a cada questão. Quanto a questão da idade das pessoas e ao sexo que frequentam o Supermercado Rede Vivo-Dores e o Nacional (Gráficos 1 e 2), pode-se perceber que o número de clientes com idade de 21 a 40 anos predomina no Supermercado Nacional, fato esse explicado pela proximidade da Casa do Estudante Universitário I (CEU I), de alguns cursos presentes na Antiga Reitoria, do grande número de cursinhos Pré-Vestibular e, também, por haver um grande número de estudantes que residem no bairro Centro. Já no Rede Vivo-Dores houve o predomínio de pessoas com a faixa etária acima de 40 anos, pelo

fato deste ser um bairro residencial e a maioria da população ser de classe média alta. Em relação ao sexo existe um certo equilíbrio, como pode ser notado no Gráfico 2, e a pequena diferença que apareceu pode ter ocorrido ao acaso.

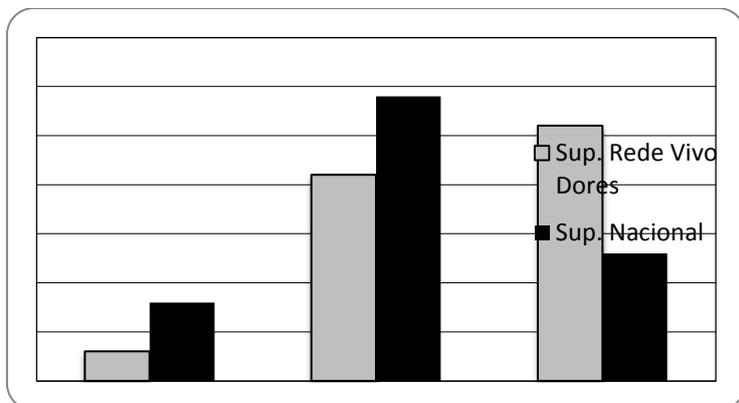


Gráfico 01: Percentual dos entrevistados com relação à faixa etária.
Montagem: Lourenzi, L.

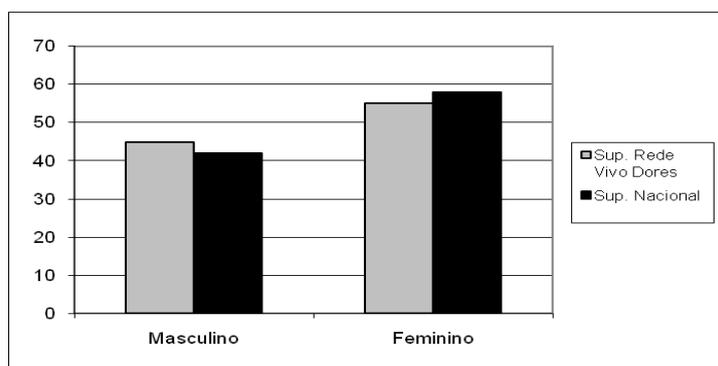


Gráfico 02: Percentual dos entrevistados com relação ao sexo.
Montagem: Lourenzi, L.

Os Gráficos 3 e 4 demonstram que no Supermercado Nacional há o predomínio de cidadãos solteiros, consequentemente o baixo número de filhos observados nos resultados obtidos. Isso também é explicado pela grande quantidade de estudantes que residem ou estudam nos arredores do estabelecimento. Uma situação inversa ocorre no Supermercado Rede Vivo-Dores, apresentando um percentual maior de pessoas casadas e com filhos, devido a estar localizado entre bairros residenciais de classe média alta.

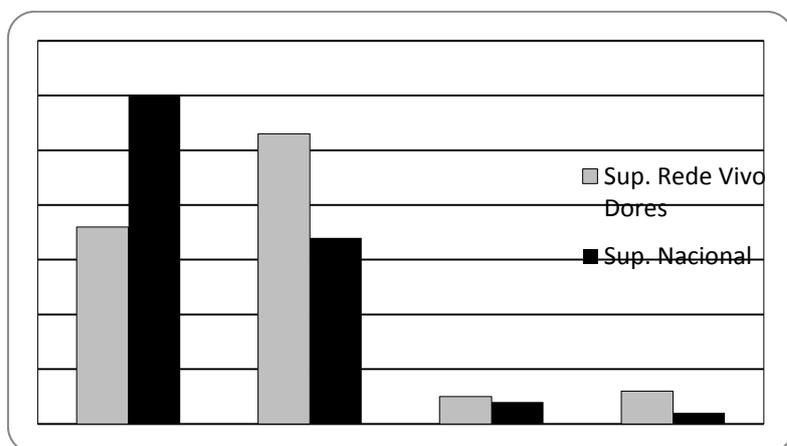


Gráfico 03: Percentual dos entrevistados com relação ao estado civil.
Montagem: Lourenzi, L.

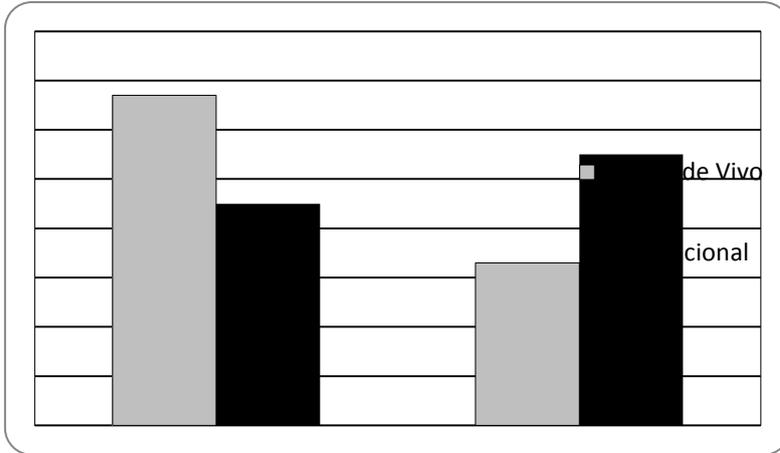


Gráfico 04: Percentual dos entrevistados com relação ao número de filhos.
Montagem: Lourenzi, L.

Nos Gráficos 5, 6, 7 e 8 foram abordados as seguintes características: local onde mora, profissão, renda familiar e modo como vai ao supermercado, respectivamente. A pesquisa demonstrou que em ambos os supermercados há um elevado número de residentes em bairros, contudo o Nacional demonstra um fluxo considerável de habitantes da região central do município, em virtude da presença do grande número de estudantes (vestibulandos, acadêmicos, entre outros), que explica os resultados obtidos no Gráfico 6. Outra observação relevante é a profissão desempenhada pelos entrevistados do Rede Vivo-Dores, os quais são em ordem decrescente Outros (Setor de Prestação de Serviços), Servidores Públicos, Aposentados e Estudantes. Este fator é justificado pelo estabelecimento estar localizado entre bairros residenciais. Quanto à renda, como já foi citado, nos dois supermercados ocorre a presença maciça de pessoas com poder aquisitivo entre 2 a 10 salários mínimos. O modo como as pessoas vão aos supermercados, em sua grande maioria, é a pé em ambos estabelecimentos por causa da proximidade de suas residências e, de carro próprio, por terem um poder aquisitivo elevado.

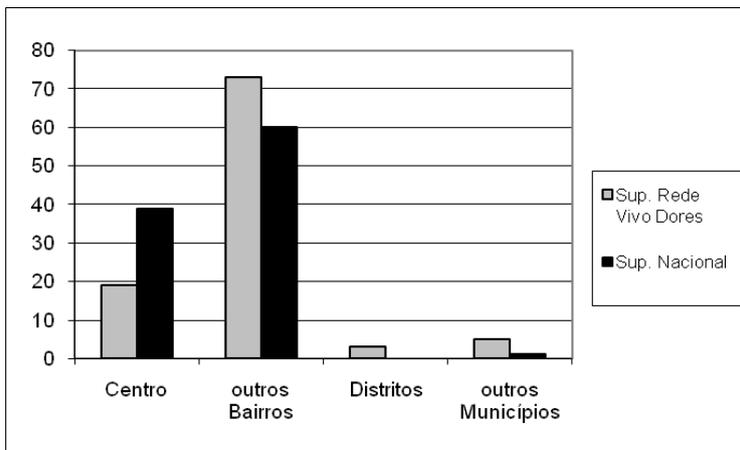


Gráfico 05: Percentual dos entrevistados com relação ao local onde mora.
Montagem: Lourenzi, L.

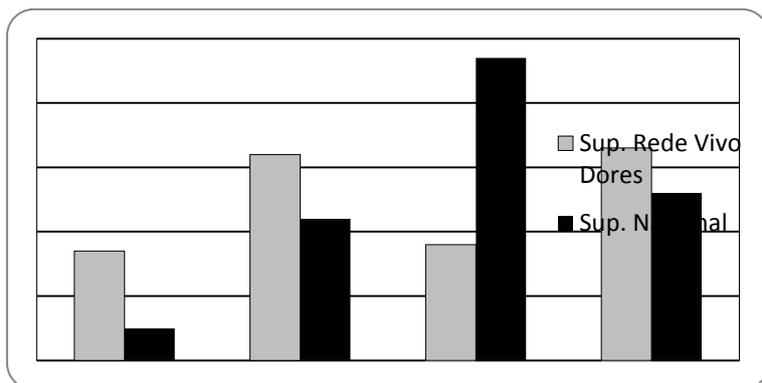


Gráfico 06: Percentual dos entrevistados com relação à profissão.
Montagem: Lourenzi, L.

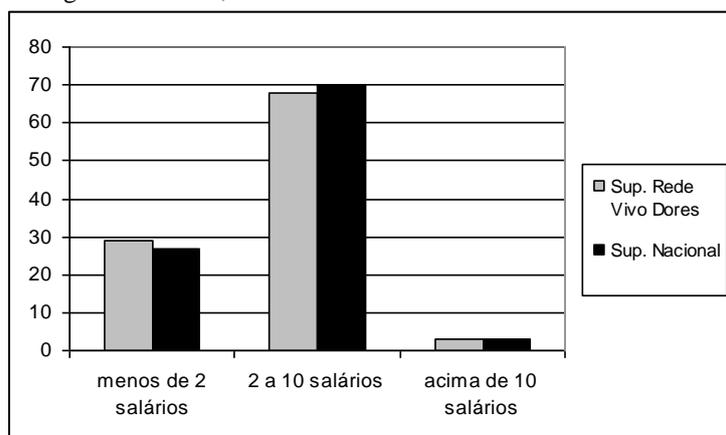


Gráfico 7: Percentual dos entrevistados com relação à renda.
Montagem: Lourenzi, L.

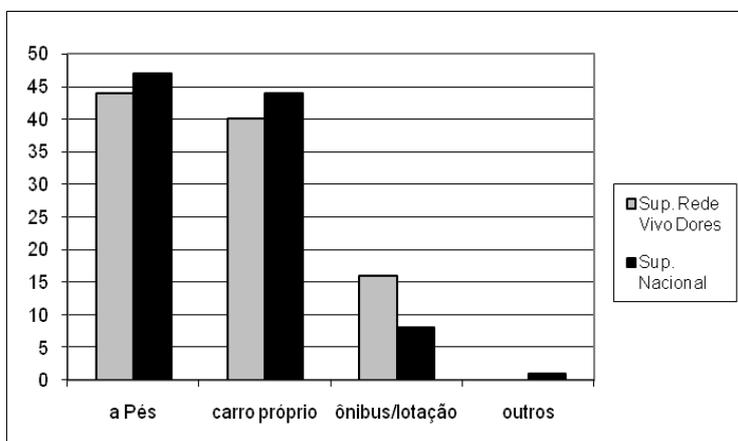


Gráfico 8: Percentual dos entrevistados com relação ao modo como vai ao supermercado.
Montagem: Lourenzi, L.

Uma das questões abordadas pela entrevista, ilustrada pelo Gráfico 9, é referente a percepção dos entrevistados quanto aos impactos ambientais causados pelo descarte inadequado das sacolas plásticas. Em ambos os supermercados os clientes se demonstraram conscientes de alguns impactos causados pela “sacolinha”, sendo mais citados os problemas ambientais, o lixo, poluição visual, entupimento de bocas de lobo entre outros.

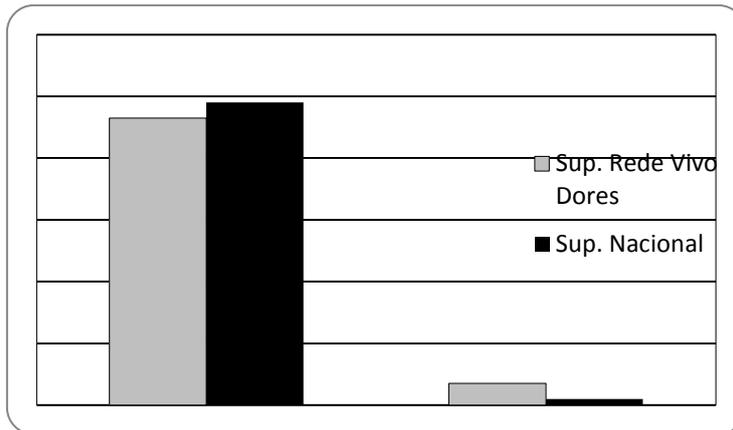


Gráfico 9: Percentual dos entrevistados com relação à pergunta: O descarte inadequado de sacolas plásticas causa algum impacto ambiental?
Montagem: Lourenzi, L.

Os Gráficos 10, 11 e 12 se referem à frequência que vão ao supermercado, a quantidade de sacolas utilizadas por pessoas a cada compra, e quantas sacolas costuma utilizar para transportar mercadorias pesadas, respectivamente. Quanto à frequência, nota-se que no Supermercado Nacional ocorre um alto índice de pessoas que consomem diariamente, fato este explicado pela localização central do mesmo. Já no Supermercado Rede Vivo-Dores ocorre um processo inverso, sendo que há um predomínio das compras semanais, fato que se explica pela localização em um bairro residencial, e pelo grande fluxo de consumidores residentes em outros bairros. Ao analisar a frequência dos consumidores aos supermercados pode-se também observar quantidade de sacolas plásticas utilizadas por pessoa a cada compra nos supermercados, de acordo com o Gráfico 11. Em ambos os supermercados pode-se notar que não há uma diferença significativa com relação a quantidade de sacolas utilizadas por pessoa a cada compra. No entanto, no que diz respeito a utilização de um número superior a 10 sacolas por compra, ocorre uma diferença relevante entre os mesmos, sendo que no Rede Vivo-Dores o índice é superior ao Nacional, fato explicado pelo predomínio de compras semanais e pela renda mais elevada. Quanto ao número de sacolas utilizadas para o transporte de mercadorias mais pesadas, ocorreu o predomínio da utilização de duas “sacolinhas” em ambos os supermercados.

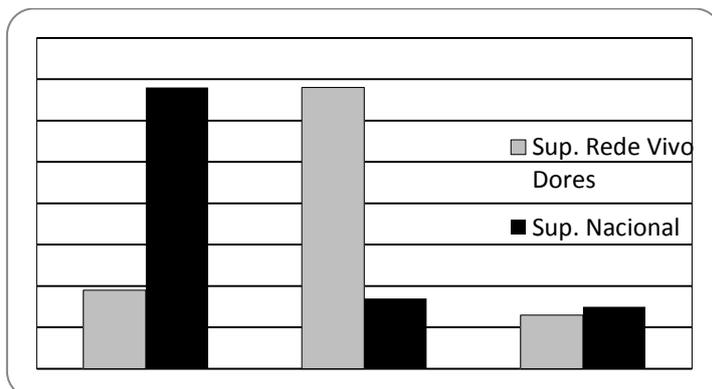


Gráfico 10: Percentual dos entrevistados com relação à frequência que vai ao supermercado.
Montagem: Lourenzi, L.

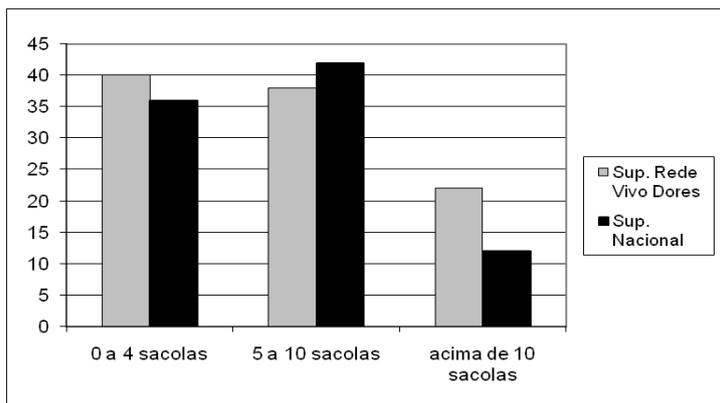


Gráfico 11: Percentual dos entrevistados com relação ao número de sacolas que costuma carregar ao sair do supermercado.

Montagem: Lourenzi, L.

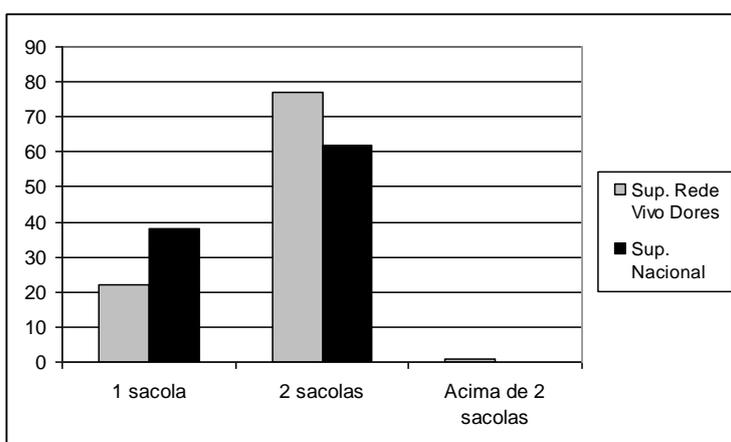


Gráfico 12: Percentual dos entrevistados com relação ao número de sacolas que costuma utilizar para carregar mercadorias mais pesadas.

Montagem: Lourenzi, L.

Nos Gráficos 13 e 14 os entrevistados são questionados a respeito da não-oferta e da cobrança pela utilização das sacolas descartáveis. Nota-se que quando interrogados quanto ao não oferecimento das “sacolinhas” pelos supermercados, os mesmos optariam por continuar comprando nesses estabelecimentos. No entanto, ao serem questionados sobre a cobrança pelo uso das sacolas plásticas, os consumidores passariam a efetuar suas compras em outros supermercados que não cobrassem pelo uso das mesmas.

O Gráfico 15 apresenta o percentual dos entrevistados em relação a reutilização das “sacolinhas”, onde em ambos os estabelecimentos a maioria absoluta dos clientes afirmam reutilizar as mesmas, sendo utilizadas para descarte do lixo doméstico, guardar e transportar objetos. Em relação a utilização de outro tipo de sacola para efetuar as compras no supermercado, a maioria dos entrevistados respondeu que utilizaria a sacola retornável, porém muitos desses ainda não o fazem, sendo referente ao Gráfico 16.

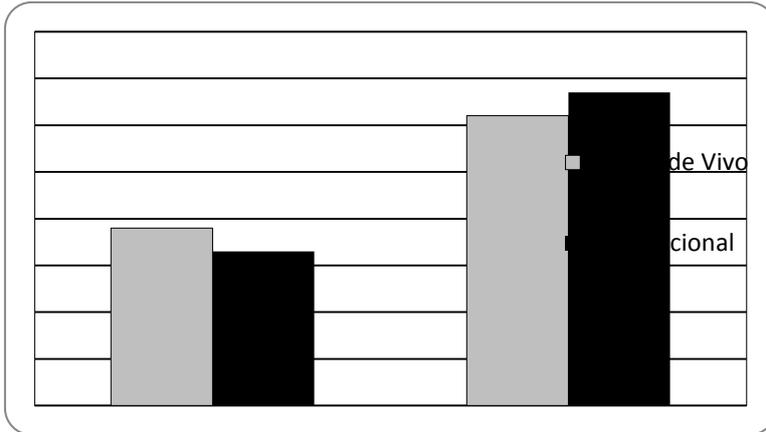


Gráfico 13: Percentual dos entrevistados com relação à pergunta: Se este supermercado não oferecesse sacolas descartáveis você compraria em outro?

Montagem: Lourenzi, L.

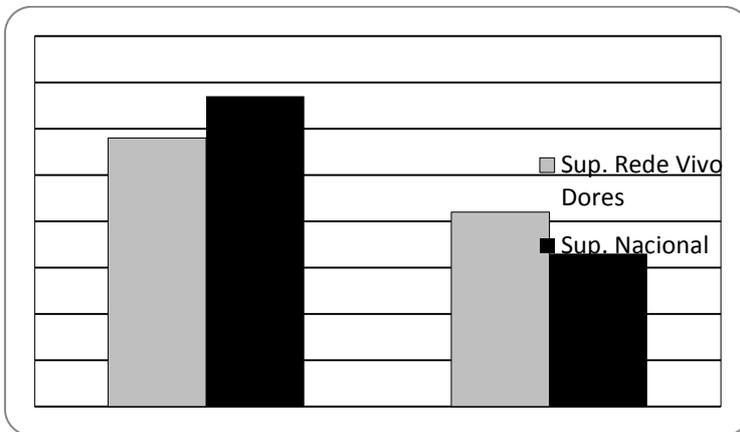


Gráfico 14: Percentual dos entrevistados com relação à pergunta: Se este supermercado cobrasse pelas sacolas descartáveis você compraria em outro que não cobrasse?

Montagem: Lourenzi, L.

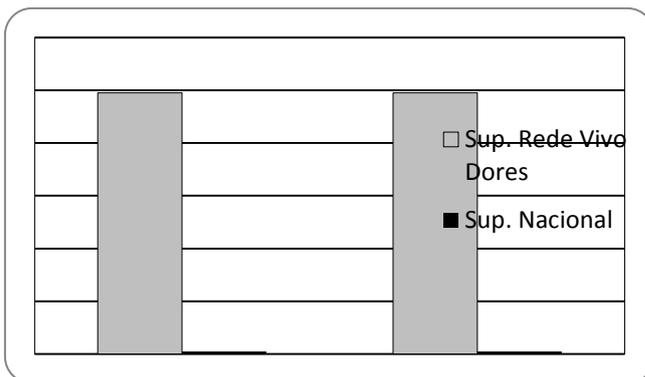


Gráfico 15: Percentual dos entrevistados com relação à reutilização das sacolas plásticas descartáveis.

Montagem: Lourenzi, L.

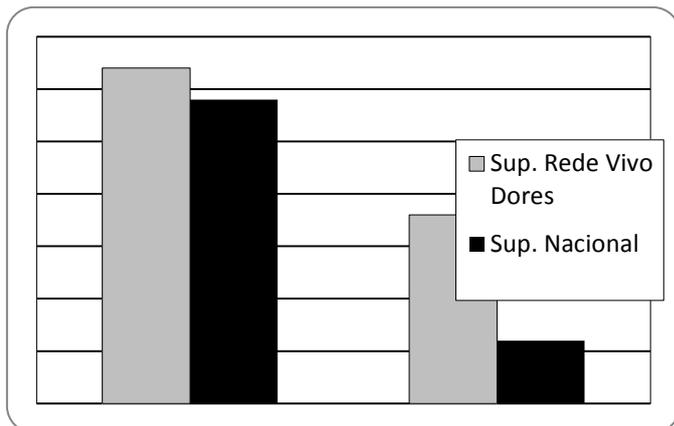


Gráfico 16: Percentual dos entrevistados com relação à pergunta: Você utilizaria outro tipo de sacola para fazer compras no supermercado?
Montagem: Lourenzi, L.

O Gráfico 17 mostra que os entrevistados em sua grande parte efetuam a separação do lixo reciclável em suas residências, mostrando uma certa preocupação com a questão ambiental. No entanto cabe ressaltar que a Prefeitura Municipal não realiza a coleta seletiva do lixo.

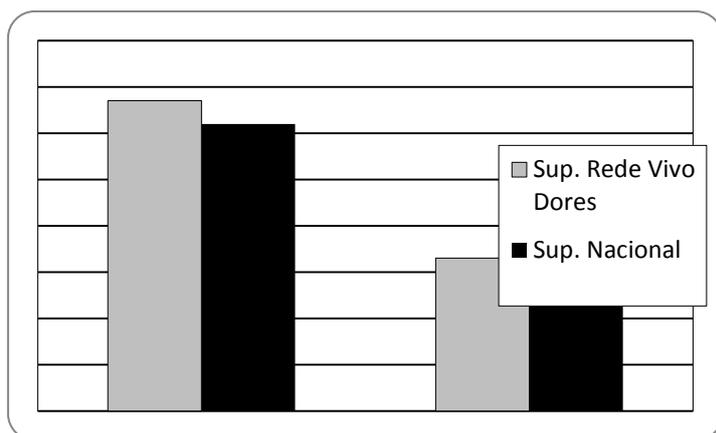


Gráfico 17: Percentual dos entrevistados com relação à pergunta: Em sua casa você separa o lixo reciclável?
Montagem: Lourenzi, L.

Com relação ao uso de sacolas plásticas os entrevistados foram questionados se seriam contra ou a favor a taxaçoão ou proibição do uso de sacolas plásticas pelo Estado. O resultado obtido foi a aprovação das possíveis medidas nos dois supermercados.

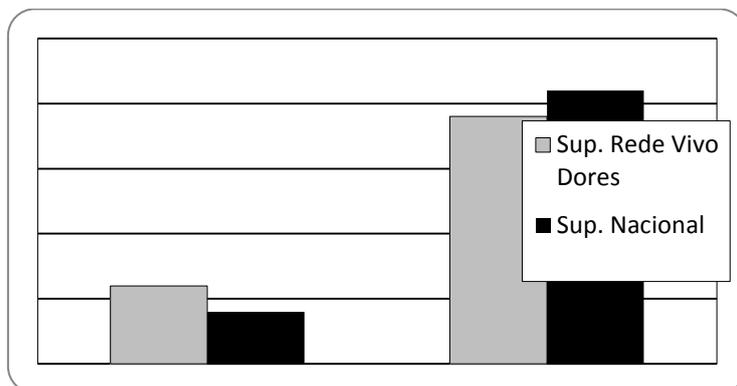


Gráfico 18: Percentual dos entrevistados com relação à pergunta: Você seria contra a taxaço ou proibição do uso de sacolas plásticas descartáveis pelo Estado?

Montagem: Lourenzi, L.

Quanto ao questionário respondido pelo gerente do Supermercado Rede Vivo-Dores, pode-se perceber que a alternativa da sacola retornável é maciçamente incentivada através da mídia e da campanha que dá R\$ 0,05 centavos de desconto a cada sacola retornável levada nas compras pelo consumidor, sendo que em cada sacola devem ser embalados no mínimo 5 produtos. Ele afirma que o uso da sacola plástica descartável causa problemas ambientais e que leva mais de cem anos para se decompor; posiciona-se a favor da taxaço ou proibição pelo Estado do uso desta; além de fornecer o significativo índice de que são utilizadas em média 50.000 “sacolinhas” por semana, mais de 150.000 por mês. Estes são números alarmantes, levando em consideração que grande parte deste material não acaba sendo sequer reutilizada, que acaba entupindo bueiros, poluindo o solo, rios e mares, além de matar animais que a confundem com seu próprio alimento.

O gerente do Rede Vivo-Dores afirmou que, apesar da campanha de utilização da sacola retornável, o crescimento do uso das sacolas descartáveis é exponencial, demonstrando a necessidade do implemento de novas campanhas de sensibilização socioambiental. A falta de interesse e a desmotivaço das pessoas em mudar tal situaço acabam tornando-se fatores decisivos no complexo processo de melhoria da qualidade ambiental e consequentemente de vida.

Quanto ao questionário respondido pela responsável do Supermercado Nacional do Bairro Centro, pode-se perceber que o uso da sacola retornável é incentivada através de um desconto de R\$ 0,03 a cada cinco itens comprados e transportado com as mesmas. Ela concorda que o uso da sacola plástica descartável causa problemas ambientais e que leva mais de cem anos para se decompor; sendo favorável a taxaço ou proibição pelo Estado do uso desta; também forneceu os dados a respeito da quantidade de sacolas plásticas utilizadas mensalmente, segundo ela as “sacolinhas” são fornecidas pela sede WalMart, onde é feito pedido de 10.000 fardos uma vez ao mês, cada fardo contém 100 unidades dando um total de 1000000 por mês. Estes são números muito expressivos, levando em consideração que grande parte deste material não é reutilizado, acarretando graves problemas ambientais, além da poluição visual.

Considerações Finais

De maneira geral, constatou-se que em ambos os supermercados as pessoas “aparentemente” apresentam uma consciência ambiental formada, porém usada de forma automática e sem coerência com suas atitudes. A grande maioria dos entrevistados afirmou que o uso da sacola plástica descartável ainda é necessário, pois os supermercados não oferecem outra alternativa, esquecendo-se que em suas respostas afirmaram utilizar a sacola retornável, vendida nos dois estabelecimentos. O que falta neste “círculo vicioso” da sociedade dos descartáveis é que as pessoas sensibilizem-se acerca dos impactos socioambientais gerados pelo uso e descarte inadequado das sacolas plásticas, começando por mudar a maneira de ver e de pensar nas coisas do mundo, incluindo aí sociedade e natureza.

De maneira geral, as pessoas entrevistadas possuem um breve conhecimento das conseqüências ambientais geradas por uma atitude considerada por muitos banal: o descarte de um produto tão “insignificante” como a sacola plástica descartável. Apesar disso, ainda precisam haver mudanças na consciência e nas atitudes dos consumidores, visando diminuir a quantidade de sacolas plásticas descartáveis acumuladas nas ruas e lixões. Todos fazemos parte de um “grande organismo vivo” chamado Terra. Então, quando algum órgão ou alguma

parte deste sistema reticular não funciona bem, todo ele acaba sendo comprometido. O uso indiscriminado dos recursos naturais renováveis e não-renováveis, o acúmulo exacerbado de lixo e de poluição nas grandes cidades, enfim, impactos socioambientais de diversas montas podem ser considerados alguns dos maiores “cânceres” da Terra.

Para tentar diminuir o uso das sacolas plásticas precisa-se iniciar por uma mudança da consciência individual, posteriormente da consciência coletiva, então se passa a oferecer novas alternativas, como é o caso da sacola retornável. A sacola retornável, ou até mesmo as caixas de papelão fornecidas gratuitamente aos supermercados na compra das mercadorias, são formas de tentar diminuir o acúmulo de lixo ocasionado pelo desuso das já tradicionais “sacolinhas” de supermercado. Contudo, a sacola plástica não precisa ser extinta, apenas é necessário que haja uma diminuição na utilização desta. Se tais sacolas descartáveis forem extintas, conseqüentemente aumentará o número de sacos de lixo (comprados) que serão usados e posteriormente descartados, levando em consideração que um saco de lixo é bem maior do que uma “sacolinha”, de forma que haverá maior acúmulo de plástico nos lixões. Sendo assim, o consumidor estará gastando mais e continuará acumulando lixo.

Após a realização desta pesquisa verificou-se que ainda não é possível acabar com o uso da sacola plástica descartável, pois esta é usada pela totalidade da população como forma de armazenar lixo nas residências. O ideal seria que as pessoas depositassem seu lixo diretamente em contêineres ou locais próprios, sem necessitar do uso das “sacolinhas”, mas sabe-se que em alguns casos (como prédios residenciais) não tem como realizar esta operação, assim o uso das sacolas plásticas disponibilizadas pelos supermercados torna-se uma maneira prática e barata de transportar o lixo.

Referências

- AGENDA AMBIENTAL. Disponível em: <<http://www.tse.gov.br/>>. Acesso em: 23 de abril 2011.
- CAPRA, F. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. 4. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002. 296 p.
- CHARDIN, P. T. Em outras palavras. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- DEGRADAVEL. Disponível em: <<http://www.degradavel.com.br/>>. Acessado em 23 de abril 2011.
- DIAS, J. A. & MORAES FILHO, A. M. Os resíduos sólidos e a responsabilidade ambiental pós-consumo. 2. ed. Disponível em: <www.prsp.mpf.gov.br/marilia>. Acesso em: 26 de abril de 2011.
- FIGUEIREDO, P. J. M. A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.
- HOGAN, D. J.; CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R.; CARMO, R.L. (Org) Um Breve Perfil Ambiental do Estado de São Paulo. Resíduos Sólidos. In Migração e Ambiente em São Paulo: Aspectos Relevantes da Dinâmica Campinas. Núcleo de Estudos De População. Unicamp, 2000.
- QUAINI, M. A Construção da Geografia Humana. trad. Liliana Laganá Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.